

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Trabalho de Conclusão de Curso

O FRACASSO COMO CRIAÇÃO DO NOVO:

**VIDA POSSÍVEL NA INFÂNCIA EM VULNERABILIDADE
SOCIAL**

BRUNA CAROLINE COMEL

Porto Alegre

2014

BRUNA CAROLINE COMEL

**O FRACASSO COMO CRIAÇÃO DO NOVO:
VIDA POSSÍVEL NA INFÂNCIA EM VULNERABILIDADE
SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia – Habilitação Psicólogo – do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, referente às disciplinas de TCC-I e TCC-II, como requisito parcial à obtenção do grau, sob orientação do Prof. Dr. Edson Luiz André de Sousa

Orientador: Prof. Dr. Edson Luiz André de Sousa

Debatedora: Prof^a Dr^a. Jaqueline Tittoni

PORTO ALEGRE

2014

**À todas as vozes e silêncios
que me acompanham.**

SUMÁRIO

Existirmos a que será que se destina?.....	6
Casa 1: onde habita o saber(?)......	7
Outra casa: a(s) casa(s) da infância	12
Casas e casos (e acasos).....	19
Casa construída: a casa da família	25
Cada qual – A casa do desejo	26
Referências Bibliográficas.....	30

Aquela criança de sempre

Sou esse menino desagradável,
sem dúvida inoportuno,
de cara redonda e suja,
que fica nos faróis,
onde as grandes damas tão bem iluminadas,
ou onde as meninas que parecem levitar,
projetam o insulto de suas caras redondas e sujas.
Sou uma criança solitária,
que o insulta como uma criança solitária,
e o avisa:
se por hipocrisia você tocar na minha cabeça,
aproveitarei a chance para roubar-lhe a carteira.
Sou aquela criança de sempre,
que provoca terror,
por iminente lepra,
iminentes pulgas, ofensas,
demônios e crime iminente.
Sou aquela criança repugnante,
que improvisa uma cama de papelão
E espera, na certeza,
que você me acompanhará.

Reinaldo Arenas

EXISTIRMOS A QUE SERÁ QUE SE DESTINA?¹

Caetano Veloso

¹ Música Cajuína, Caetano Veloso, 1979

Não me atrevo pensar aqui a vida e as instituições que a permeiam, prefiro pensar de que maneira habitamos os espaços por onde passamos, o modo como transformamos em *CASA* todo lugar que conseguimos produzir (e somos produzidos) no encontro. Digo casa como o lugar onde nos permitimos existir em um tempo/ espaço, e que querendo ou não, fazemos parte desse lugar. Também não estou pensando lugar enquanto espaço físico somente, e por isso digo existir num tempo/ espaço, falo de lugar onde tudo que acontece e que está enquanto estrutura física passa a ser parte do próprio corpo, mesmo que em momento de recordação.

Caminhar por estes lugares, por essas casas que nos criam e nos possibilitam habitar conjuntamente, me parece trazer consigo a possibilidade de recriar constantemente a vida que fracassa o tempo todo. Um fracasso no sentido do que imageticamente esperamos dela, fracasso no sentido do que acreditamos (e esperamos... ideologicamente) sobre a própria vida. A cada instante lidamos com a morte e com o nascimento do que é o corpo enquanto ser que está no mundo.

Fracassamos, e não teria como ser diferente. Acreditamos e criamos ideias sobre como a vida é, sobre o que é o corpo nessa vida, o que é e como deve ser o encontro com o outro. Criamos, constantemente, referências do que é tudo o que está a nossa volta, mas não criamos sozinhos. Construimos essas referências no encontro, com tudo o que habita a vida conosco, e também com que não habita. Somos feitos não apenas do que somos, mas também do que não somos, do que deixamos de ser, somos feitos também de todas as ausências.

Somos também tudo o que poderíamos ser: “(...)todo o ser humano, na medida em que almeja, vive do futuro: o que passou vem só mais tarde, e o presente autêntico praticamente ainda não está aí” (BLOCH, 2005, p.14).

Um dia, por entre casas, nos corredores onde caminho, ouvi alguém dizer (alguém bem próximo, e ai já não sei citar literalmente porque sei que eu refiz a própria frase): O desejo não cabe nas convenções.

Precisamos destas convenções, destas referências para não cair no limbo onde tudo se torna incompreensível, e portanto necessitamos de todas essas referências e convenções para partilhar a vida, para estar e habitar junto ao outro. No entanto,

fracassamos até mesmo nessa necessidade, por que ela não passa também de ilusão, e assim o corpo que se cria junto ao outro não consegue obedecer a todas essas convenções e referências. Não estou falando da dualidade da ilusão e da realidade, nem mesmo do que é e não conseguimos viver e do que não é e não deveríamos viver. Falo disso pra poder pensar o desejo enquanto algo que é o que é e também o que não é e o que poderia ser e o que foi e o que pensamos sobre tudo isso e o que acontece enquanto quase infinito do possível. Estou pensando no encontro do desejo que cria a multiplicidade.

CASA 1 – ONDE HABITA O SABER(?)

“Eu escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém.

Provavelmente a minha própria vida.

Viver é uma espécie de loucura que a morte faz.

Vivam os mortos porque neles vivemos.”²

Clarice Lispector

Escrever, me parece, sustentar uma verdade, e portanto, guardá-la e consagrá-la. Uma escolha que tem a função histórica de compartilhar um tempo/espço de conhecimento, mas ao mesmo tempo, abandona o que não queremos (ou não podemos) registrar. Palavra, pra ser lida, depende de onde vem, assim como a voz. O não escrever, o não querer registrar, pode ser então, uma resistência a farsa que é a própria História.

Desmereço essa história contada, porque aos poucos, por entre as casas, descobrimos as incontáveis histórias que não vão para os livros. A palavra dita e contada, se legitima a partir da exclusão dos moradores dessa narrativa. Não posso não me indignar com a história que é considerada nossa história real de antecedentes, de tradição, de identidade, porque nela contém apenas uma linguagem que obedece a mais perversa das convenções: a dos que podem contá-la. Nosso idioma, nossa escrita, é essa a história da nossa civilização; é a história dos símbolos que arbitrariamente foram escolhidos para levar adiante a memória de uma civilização, que muitas vezes (talvez

² Clarice Lispector – Um Sopro de Vida, p 4, 1978

sempre) se reduz a uma pequena parte dela. Não há uma história que de conta de toda civilização.

No entanto, vejo o dilema que se cria nisso tudo: porque haveríamos de contar as outras histórias se a lógica de qual história pode ou não ser contada traduz nossos cotidianos? Há, nesse sentido, uma escolha proposital pelo anonimato, na busca incessante de escapar dessa lógica que escolhe seus contadores. Será que o anonimato, ao mesmo tempo que não constrói uma história, resguarda o que há de mais valioso no cotidiano que é a vivência que não pode ser referenciada em escrita? Não escrever, não contar é também uma resistência, um “prefiro não fazer”, ao qual Bartleby³ nos expõe com tanta serenidade e convicção.

Mas registrar não é somente viver, registrar está no nível da criação do que (enquanto função) do compartilhamento de verdades; só torna-se escrita o que pode ser registrado. É inegável, que para além de construir conhecimento, estamos traduzindo politicamente uma forma de pensar na qual acreditamos. A partir de então, assim como um professor em sala de aula, mesmo na tentativa máxima de neutralidade, estamos dando ênfase ou iluminando a visão do outro para o lado onde nossos olhos apontam.

Apontar uma direção, no entanto, deixa de ser o que aponta, e a partir desse momento torna-se infinita criação de entre-olhares. O objeto modifica-se incessantemente, assim como o olhar, a impressão e a própria linguagem.

Há sempre um saber para quando a palavra foge. Bem sabemos que nas áreas da saúde, e também na psicologia, embarcamos em uma lógica extremamente hierárquica de saberes, onde somos menos que uns e mais do que outros. Nesse emaranhado de hierarquias, o saber da psicologia constrói os sujeitos, e muitas vezes sintomas e até corpos.

Não apenas em livros que são permeados pela lógica patologizante, mas também em nosso dia-a-dia onde impomos e reforçamos o ‘normal’ e consequentemente

³ Bartleby, O escriuário. Hermann Melville

violentamos tudo que passa pela margem da normalidade. Criamos o anormal cotidianamente. Mas de que anormal estou falando? Acho que de todos nós! Todos fazemos parte de grupos minoritários⁴ quando estamos em relação.

Ao mesmo tempo, forjamos com um discurso de autonomia do sujeito uma individualização da responsabilidade do cuidado, que sabemos, é quase impossível em uma sociedade onde os sintomas nada mais são do que o próprio corpo gritando: *somos fracassados*.

Não teria como ser diferente se historicamente fomos construindo uma sociedade de números, onde para existir grandes centros urbanos e as grandes aglomerações de pessoas, tornou-se necessária o controle dela através de números e estatísticas. Somos assujeitados a partir do momento em que ou individualizamos o ser humano, ou o transformamos em apenas um número em um recorte de uma população, que quase sempre fazem parte de estatísticas baseadas numa idéia de seres humanos quase *genéricos*⁵.

Dessa forma, ao mesmo tempo que silenciemos o sujeito, temos o dever de utilizar essa linguagem e essa escrita enquanto testemunho desse cotidiano que agride incessantemente os corpos e tantas minorias. O silenciamento não é a mesma coisa que a escolha do anonimato. Silenciamos massacres cotidianos que acontecem com nossas famílias, nossas crianças, e com nossa população que está a margem da casa onde contam nossa história.

Para isso, usa-se discursos científicos e discursos morais das mais variadas maneiras para sustentar o que podemos chamar de inadequados. A margem, além de muitas vezes ser real, também é simbólica.

E que margem é essa? Aquela onde estão aqueles invisíveis seres por onde passamos todos os dias. Sabemos que não é a toa que os trabalhos braçais, na maioria das vezes, são outorgados a outros. Muitos dos serviços que nós, trabalhadores intelectuais não fazemos, deixamos para que outros o façam. A funcionária da limpeza, da cozinha, o segurança, o coletor de lixo, a faxineira, são em sua maioria, negros e

⁴ Video youtube – Ser de esquerda – Deleuze: <https://www.youtube.com/watch?v=WPhFsha26vE>

⁵ Conceito utilizado por Claudia Fonseca, em “Quando cada caso não é um caso”. (FONSECA, 1998, p.61; 62).

negras pobres. E nem vou entrar no mérito das condições de trabalho ao qual são submetidos.

A palavra, escrita ou falada, cumpre uma função de registro ao qual nossa história pode ser reelaborada no agora. O registro das atrocidades e massacres já acontecidos e contados em nossa história oficial nos servem de esclarecimento para o que não pode ser repetido.

Gagnebin pontua muito bem ao pensar no Holocausto e em todos os silenciamentos ocasionados por ele, que o testemunho através da palavra, cumpre uma função essencial para a humanidade: a de não esquecermos para não repetirmos todos os massacres que nossa história guarda muitas vezes em silêncio. Para isso, é necessário “não deixar o passado cair no esquecimento” (GAGNEBIN, 2006, p.53) pois “os bons sentimentos nunca bastam para reparar o passado”. (GAGNEBIN, 2006, p.52)

Gagnebin nos convoca a sermos historiadores desse cotidiano, nos convoca a dar voz, a “apanhar tudo aquilo que é deixado de lado como algo que não tem significação, algo que parece não ter nem importância nem sentido, algo com que a história oficial não sabe o que fazer.”(GAGNEBIN, 2006, p.54) É necessário ter ouvido para aqueles que historicamente são silenciados em nossa história cotidiana e oficial, é necessário que haja testemunhas desse cotidiano.

Gagnebin trabalha com o conceito benjaminiano de rememoração:

“Tal rememoração implica uma certa ascensão da atividade historiadora que, em vez de repetir aquilo de que se lembra, abre-se aos brancos, aos buracos, ao esquecido e ao recalado, para dizer, com hesitações, solavancos, incompletude, aquilo que ainda não teve direito nem à lembrança nem às palavras.”(GAGNEBIN, 2006, p.55)

Brilhantemente, ela nos traduz de que maneira, nós que habitamos estes lugares do saber, podemos dar ouvidos a essas outras histórias:

“Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente (GAGNEBIN, 2006, p.57)

“rememoração, no sentido benjaminiano da palavra, isto é, de uma memória ativa que transforma o presente.” (GAGNEBIN, 2006, p.59)

À casa do saber cabe a função do testemunho, transformar essa outra realidade que não é contada em história, fazer contar o que está silenciado. Em outras palavras que empresto de Edson Sousa em Furos no futuro: Utopia e cultura “Precisamos do compromisso ético de testemunhar aquilo que somos capazes de ver.”(SOUZA, 2002, p.2)

Para tal, é preciso ter em mãos a possibilidade de transformar em experiência o vivido:

“O campo da *erlebnis* (vivência) não é suficiente para que o sujeito possa se conectar com o que vive, com o que sente, com o que pensa. Para que uma vivência possa se constituir numa *erfahrung* (experiência) é preciso que haja fundamentalmente condições de transmitir e de narrar o que se vive. Em última instância, precisamos construir espaços mentais: imagens, palavras que legitimem subjetivamente para cada um o que é capaz de perceber no mundo” (SOUSA, 2002, p.2)

OUTRA CASA – AS CASAS DA(S) INFÂNCIA(S)

“Eu só quero é ser feliz

Andar tranquilamente na favela onde eu nasci

E poder me orgulhar

E ter a consciência que o pobre tem seu lugar”⁶

Dentre tantas outras, vivenciei e continuo vivenciando o saber psi que se compõe com a infância. No ano de 2013, entre trancos e barrancos, fiz estágio na Casa dos Cata-Ventos, e desde janeiro de 2014, passei a estagiar na Casa de Acolhimento. Explicarei melhor em seguida a que se pretende cada serviço, mas primeiro cito seus nomes para

⁶ Música: Eu só quero é ser feliz – Cidinho e Doca

explicar de onde veio essa história toda de casas. Gosto desses acasos, gosto quando a tal repetição vem assim, totalmente sem avisar.

Há muitas coisas em comum entre essas duas (somente duas?) casas, mas como nem tudo pode ser nomeado, vou falar agora apenas de um desses pontos. A infância.

Apesar de parecer apenas um ponto, a infância, é necessário pontuar algo em comum entre elas: são infâncias que “deveriam ter uma vida melhor que a que lhe coube até aquele momento” (BLOCH, 2005, p.15).

Mas isso não caberia a todos nós?

Somos todos fracassados, mas alguns mais do que outros, não é mesmo? No fim das contas, como o próprio Bloch diz “não se tem o que ser” (BLOCH, 2005, p29). Mas de alguma forma, pensamos não ter o que queremos, mas pra além disso, decidimos o que o outro deveria querer, e tentamos, no auge da nossa ingenuidade, encontrar aqueles que de fato deveriam ter uma vida melhor. Talvez façamos isso pra esconder a falta que nos constitui. Pontuar a “vulnerabilidade” do outro preenche as nossas?

Não sei, mas de fato algumas vidas são uma incessante luta por sobrevivência.

O que podemos chamar de vulnerabilidade e que Teles nos traz de maneira muito bem pontuada: uma violência *estrutural* sofrida por essa infância. Traduz como violência estrutural, “qualquer situação social que submeta o sujeito à fome, miséria, desigualdade, exclusão, ao desamparo, ao preconceito e dificulte o acesso à saúde, educação, moradia, segurança, ao trabalho e ao lazer” (TELES, 2008, p.125). É aqui onde encontramos o comum entre esses dois espaços da infância.

A Casa dos Cata-Ventos situa-se em uma das vilas mais “pobres” de Porto Alegre, e o que se faz ali, no encontro com as crianças é brincar, apenas brincar; fantasiar outra vida, fantasiar e contar outras histórias, brincar com a palavra e com o corpo e com a representação da própria realidade; transverter o dia-a-dia e transformá-lo numa ficção passível de mudança. Entende-se que a vivência real e cotidiana daquela

vila necessite de um espaço pra pintar outros ventos, diferentes da falta e da violência. Claro, também para nós, os plantonistas, a brincadeira não é cotidiana.

Brincar e contar para transformar o sofrimento, pra dizer que a dor pode ser satirizada também. Brincar porque a fantasia cria outras e muitas outras possibilidades. Brincar, cantar, fantasiar, falar, pintar, gritar, contar e cantar: *Cantar como quem resiste, resistir como quem deseja.*⁷ A Casa dos Cata-Ventos existe para isso, para cantar o desejo brincando, falando e contando histórias e estórias.

Teles, uma das idealizadoras da Casa da Árvore que serviu de inspiração para a Casa dos Cata-Ventos, situa-nos na importância que traz o brincar:

“Através da brincadeira a criança estabelece uma ponte entre seus mundos interno e externo, desenvolve sua atividade criativa, imaginativa e simbólica.

Assim, acreditamos que as brincadeiras que acontecem na Casa da Árvore são meios de a criança dizer algo, dialogar com a equipe, contar sua história num lugar diferenciado dos demais espaços sociais – um lugar onde se pretende que as palavras circulem e possam ser utilizadas para construir novos sentidos, abrir novos caminhos de compreensão do que é vivido por elas.” (TELES, 2008, p. 120-121)

A Casa da Árvore, assim como a Casa dos Cata-Ventos, traz seu nome o termo casa não por acaso, mas porque a pesar de não poder oferecer soluções práticas e imediatas aos problemas de violência estrutural vivenciadas pelas crianças que freqüentam esses espaços, oferecem “um ambiente que acolhe seus freqüentadores, que permite que os não ditos sejam ditos, permite que se sinta medo e que se brinque com os medos”. (TELES, 2008, p.129)

Ali, através da palavra as vezes brincada e as vezes gritada, propõe-se um espaço de troca, onde o ouvir e o conversar estão sempre presentes.

Num lugar onde existe tanta violência e lixo, a vida se constrói de outra maneira, um lugar do qual eu jamais poderia falar sobre, e portanto, preciso falar com.

Acho que preciso situar o lugar onde a Vila São Pedro se localiza: entre uma grande avenida que a separa de um grande shopping (luxo versus lixo), atrás de um hospital psiquiátrico (loucura gerada pela sociedade com pobreza gerada pela

⁷ Música: Tristeza não – de Alice Ruiz e Itamar Assumpção. Ouvir também a versão da banda Metá Metá

sociedade), e um lugar cercado, dentro e fora, pela polícia (exército passando em frente corriqueiramente, brigada militar impondo sua força diariamente, e por aí vai).

Falar com, é falar do ponto em que a minha vida se cruza com aquelas vidas. Eu era de fora dali, e é necessário também situar isso. Posso sentir algumas coisas com, compartilhar tempo de brincadeira, compartilhar os contos e verdades da vida, mas jamais poderia sentir por eles.

Cheguei até lá através de dois projetos, um de brincar e outro de contar histórias. Trabalhar com crianças e brincadeiras e contar histórias é algo que me faz brilhar os olhos, mas precisei me deixar abandonar pela ideia de que isso é fácil e somente divertido. Percebi durante minhas idas à vila que aquilo me causava uma angustia que quase me paralisava, quase como uma resistência a encontrar a brincadeira, as histórias e aquelas crianças. Brincadeiras nem sempre são divertidas, histórias nem sempre são contos de fadas e crianças nem sempre são crianças como estamos acostumados a imaginar. Precisei desistir dessas ideias para entender melhor o que eu estava fazendo ali. Não estava ali para me divertir e transformar a vida deles e a minha em algo menos sofrido, também precisei me situar no que significa cada sofrimento e dor que aparecem (tanto em mim quanto neles) através das brincadeiras, e que pra além de ressignificar algo, as vezes o tempo é de deslizar para outro significado colocado em cada atitude no brincar, e portanto, na vida.

Mas então, qual a diferença entre ressignificar e deslizar? Não sei, deixo de lado essa explicação. Mas gosto de acreditar na minha “intuição” principalmente quando não sei explicar.

Se tem algo que posso dizer que não falta ali é vida. Quase um excesso de energia, talvez causado por algo que chamamos de resiliência, e que ninguém melhor do que aqueles moradores para entender disso (não da palavra, mas da experiência).

É difícil falar dessa experiência, situar as ideias e colocá-las articuladas, são muitas questões que eu gostaria de falar e outras que não acho que cabem aqui, e nem sei porque elas não cabem aqui. Novamente não quero explicar, mas sinto que o não querer explicar diz algo também:

O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa
era a imagem de um vidro mole que fazia uma
volta atrás de casa.

Passou um homem depois e disse: Essa volta
que o rio faz por trás de sua casa se chama
enseada.

Não era mais a imagem de uma cobra de vidro
que fazia uma volta atrás de casa.

Era uma enseada.

Acho que o nome empobreceu a imagem.⁸

Manoel de Barros

Já a Casa de Acolhimento é um abrigo. Chama-se Casa de Acolhimento (um dos seus nomes) porque é o primeiro abrigo que algumas crianças são levadas. Algumas delas, inclusive, nem sabem que estão se mudando da casa dos pais para outro lugar. Quando são buscadas para o acolhimento institucional, as vezes no colégio, as vezes na casa de um vizinho, entram na kombi achando que estão indo para a consulta de um irmão doente, ou indo visitar algum outro parente. Chegam ali, e as vezes demoram pra entender onde realmente estão. É, a gente também se assusta...

Primeiro vem o susto, depois uma conversa de boas vindas, e depois a entrevista: como era na casa dos pais? Como era o cotidiano? Uns, mais que outros, não sabem dizer porque ali é melhor do que a casa dos pais.

Elas estão ali por diferentes motivos, que “por diferentes critérios de verdade, diferentes situações entendidas como inapropriadas não podiam viver com seus familiares”(NASCIMENTO, LACAZ, ALVARENGA FILHO, 2010, p.50). Esses critérios, como bem sabemos, são construídos diariamente em outras casas, uma delas a qual falamos anteriormente: a casa do saber. Essa tal casa do saber, se constrói diariamente em todos os lugares por onde habitamos e construímos verdades e sujeitos ideais, e assim, “foi produzida automaticamente a desqualificação de outras configurações familiares que não se organizassem dessa maneira”(NASCIMENTO,

⁸ Manoel de Barros. Livro: O livro das Ignorâncias.

LACAZ, ALVARENGA FILHO, 2010, p.52). As crianças que vão para este abrigo, em sua grande maioria, vem de “famílias pobres, tomadas como incapazes de cuidar e promover o bem-estar de seus filhos”.(NASCIMENTO, LACAZ, ALVARENGA FILHO, 2010, p52)

Também chamada de Abrigo Residencial Sabiá 7 ou Casa de Passagem, a Casa de Acolhimento é vinculada a Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC) do município. Como dito anteriormente, o abrigo funciona como porta de entrada da rede de acolhimento institucional recebendo através de medida judicial crianças e adolescentes entre 0 e 18 anos.

Ao ingressarem no abrigo, muitas vezes apenas com o mandado de busca e sem documentação pessoal ou que informe o motivo do acolhimento, os primeiros passos do trabalho da equipe é encontrar a família nuclear e/ou extensa e a rede de apoio que possivelmente acompanhou ou ainda acompanha a família. Após a remontagem desse quebra-cabeça através de informações fornecidas pela rede, pela família e pela criança é escrito o PIA (Plano de Individual de Atendimento), o qual tenta contar os motivos alegados para o acolhimento, como aconteceu o acolhimento, que intervenções foram feitas anteriormente com a família e com a criança e o plano de intervenção para os próximos seis meses com seus desejos e demandas.

A maioria das crianças fica pouco tempo na casa e logo são encaminhadas ou para outro abrigo ou retornam para a casa de seus familiares. Essa é uma característica peculiar deste abrigo, pois a rotatividade de crianças é bastante grande. Para além disso, faz com que o trabalho dos técnicos seja realmente de acolhimento, e caracteriza muitas vezes, um trabalho de avaliação dessas famílias.

Por essa característica de rotatividade, esse abrigo tem uma dinâmica que varia constantemente. Para além disso, o ambiente diferencia-se bastante da casa familiar de onde as crianças e adolescentes residiam anteriormente. Além da separação que ocorre entre elas e os familiares, no abrigo as crianças precisam lidar cotidianamente com a atenção dividida entre os educadores com os demais moradores da casa. O lado bom disso é que a família, antes composta por poucas ou nenhuma criança, passa a ser composta por muitas outras crianças e adolescente que vivenciam processos parecidos de rompimento com o cotidiano anterior.

Essa casa não é um espaço essencialmente feito para brincar, mas ali também se brinca. Chegamos em outro ponto comum entre estes dois serviços. A infância que resiste e se transforma diariamente. Entre casas e acasos, chamo de sorte poder passar por esses dois espaços onde a psicologia, e o estilo de funcionamento destes locais, pontuam incessantemente que infância é criação. E foi justamente aí, na vivência cotidiana que aprendi o valor da palavra e o quanto, mesmo com pouca idade, uma criança sabe onde está e o que quer e compreende tudo à sua volta. Mas isso não basta, é necessário que ela saiba mais sobre si do que nós (tanto da psicologia quanto de qualquer outra área) que carregamos a chave da suposta casa do saber.

Por isso, a palavra, a apropriação de suas histórias é tão importante. É sobre a vida delas que estamos falando, é a vivência delas e o futuro delas que se apresenta nesse palco. Se existem espaços como esses, mesmo que idealmente, é para que a vida dessas crianças possa ter um curso menos sofredor, uma vida que possa vencer a tal violência estrutural da qual elas lidam todos os dias.

Gagnebin, ao explicar sobre a memória e a elaboração do vivido, defende pautada em alguns outros filósofos, um “*lembrar ativo* : um trabalho de elaboração e de luto em relação ao passado, realizado por meio de um esforço de compreensão e de esclarecimento – do passado e, também, do presente. Um trabalho que, certamente, lembra dos mortos, por piedade e fidelidade, mas também por amor e atenção aos vivos.” (GAGNEBIN, 2006, p.105)

Não conseguiremos chegar ao ponto de nos desfazer da dor cotidiana da vida, mas é necessário ter alternativas para poder escolher para onde vamos. E é por isso, pelas alternativas de qual vida que queremos seguir que é tão necessário saber de onde viemos e como chegamos. Baseamos nossas escolhas num tempo que embrulha passado presente e futuro. Não é possível esconder a dor de uma cicatriz se ela é visível no próprio corpo.

Nesse dois espaços, convivendo com crianças das mais variadas idades, algumas coisas foram saltando aos olhos, e algumas foram sendo nomeadas por colegas de trabalho.

As vezes vejo a infância quase como uma resistência à ordem. Não no sentido direcionado e conscientemente político como nós adultos fazemos, mas daquele mais puro e caótico possível. A criança está conhecendo o mundo e suas regras, o “não” que é dito arbitrariamente por alguém não faz sentido num primeiro momento. Pra que o não, assim como qualquer outra palavra que possa ser proferida num sentido imperativo, só será compreendida quando explicada. E as crianças entendem muito bem quando nos dispomos a conversar e explicar o porquê daquele não.

Se elas vão obedecer, isso é outra questão. Afinal, se as regras ainda não estão muito bem definidas, para que haveriam de ser obedecidas logo de supetão? As vezes é interessante destruir algumas que ainda não estão muito bem solidificadas, afinal, após destruir algo é preciso construir e criar.

Principalmente ali na Casa de Acolhimento, onde lhes foi proferido que sua casa não era boa suficiente, sua família não era boa suficiente, é necessário que expliquemos o porquê isso acontece. Vive-se uma vida como se pode viver, e de repente alguém lhe diz que aquilo não está certo. É preciso explicar as regras mesmo para quem não é criança.

Em locais como esse, onde é tirado o que temos de cotidiano do dia-a-dia, é de extrema importância nomear porque é preciso mudar esse cotidiano. Nem sempre concordamos com essa mudança, mas mesmo assim, algo precisa ser modificado para que essas crianças e famílias não caiam mais no “radar” da inadequação, e que não passem novamente por essa judicialização. É de extrema importância, nesse sentido, trabalhar não somente com a criança, mas com a família os motivos pelo qual foram escolhidos pela rede de assistência como “família inadequada”.

Os serviços de proteção a infância, muitas vezes disfarçados com a idéia de direitos dos cidadãos, representam muitas vezes o mesmo sistema que os coloca a margem daquela história da qual falamos anteriormente. Não é a toa que nesses espaços, em brincadeiras de policia e ladrão, prefere-se brincar no papel de contra a lei.

CASAS E CASOS (e acasos)

“Qualquer curva
De qualquer destino
Que desfaça o curso
De qualquer certeza
Qualquer coisa, qualquer coisa que não fique ilesa!”⁹
Arnaldo Antunes

Em meio ao caos cotidiano, trago na sequência algumas cenas ocorridas nestas duas casas de trabalho. Não pretendo fazer nenhuma análise direta delas, trago-as apenas como imagens dos fluxos e aberturas que podem ser criados no dia-a-dia.

"Eu gosto do absurdo divino das imagens¹⁰". (Manoel de Barros)

- Na Casa dos Cata-Ventos

Violência cotidiana:

Em um dia de plantão, cheio de crianças no pátio correndo e brincando, me chamou atenção dois irmãos: um menino e uma menina que pareciam estar brigando. Aos poucos vou me dando conta que não era uma briga, mas uma grande encenação. O pátio vira um grande teatro onde eles representam com riqueza de detalhes, o que me faz pensar que veem essa cena com frequência.

Não sei como começou pois eles estavam com as arminhas de brinquedo desde que entraram na casa. Minha atenção se voltou para os dois quando vi ao longe ela ajoelhada e com as mãos no chão e ele em cima dela como quem domina a presa para abatê-la. Aos poucos ele sai e em seguida pega ela pelo braço “com força”. Ela parece

⁹ Música: Qualquer – Arnaldo Antunes

¹⁰ Manoel de Barros. Livro: Menino do Mato

não estar conseguindo se defender e cambaleia enquanto ele a leva caminhando até a parede mais próxima.

Cada um estava com uma arminha na mão, mas a dela parecia não existir; a grande arma da força estava com ele.

Do chão para o paredão: ele a coloca com as mãos na parede e passa a mão pelo corpo dela como quem procura a prova do crime. Enquanto isso, ela dá umas tremidas e se segura de pé não sei como. Ele pega a sua arminha até então quase invisível, aponta para o lado e mirando ao longe atira. Com suas duas armas, agora apontadas pra cabeça dela, fala coisas em seu ouvido enquanto cutuca-a com gestos rudes. A menina parece saber que o que ele diz é verdade e que deve permanecer calada e segurando-se para não cair e fingindo não estar com tanto medo.

Não por acaso, na maioria das brincadeiras de polícia e ladrão, dificilmente alguma criança quer ser a polícia.

Força vital

No meio de uma estória de espadas e dragões, a estória teve que ser reformulada por alguns momentos. Entre espadas de papelão e crianças na maior energia, o conto só voltou a fazer sentido depois que conseguimos dizer que naquela parede onde eles batiam incessantemente com as espadas de papelão era o dragão. A partir de então, toda a energia que até então era colocada na espada e direcionada a todos os lugares: pernas dos amiguinhos, nossas pernas, banco, porta, passou a ser direcionada para o dragão. Encontramos o dragão do lado de um arbusto, desenhado em um papel. Enquanto as espadas não viraram papel picado assim como o desenho do dragão, as crianças não pararam de bater. Eles não estavam destruindo apenas um dragão: eles estavam destruindo a representação do mal!

- Na Casa de Acolhimento:

Eles me fazem chorar

Na casa de acolhimento, existe o pátio onde as crianças brincam. O pátio fica de frente para seus quartos. Para sair dali, existe uma grade separando este espaço do resto do abrigo. O resto do abrigo é onde fica cozinha, corredor, algumas salas de técnicos, a sala da gerencia e outra sala onde são resolvidas algumas questões burocráticas e de estrutura do abrigo. Importante lembrar que a grade que separa o pátio do resto do abrigo passa grande parte do dia aberta.

Estávamos eu e Jana¹¹, a colega que trabalha nessa sala de “questões burocráticas” conversando em sua sala quando Vagner entrou. Vagner tem aproximadamente 4 anos de idade e chega pedindo duas folhas em branco para escrever duas cartinhas: uma para sua tia e outra para o juiz. Jana entrega duas folhas para ele e um lápis para escrever. Ele senta ao nosso lado em uma cadeirinha menor que fica nessa sala e começa a escrever (rabiscar).

Ao final, Jana tenta ajudá-lo a dobrar as cartas, pega dois envelopes para guardá-las. Nos mostra as duas. Pareciam iguais, mas não eram. Ele sabia diferenciar qual era a do juiz e qual era a de sua tia. As cartas continham riscos parecidos com a letra “E” espalhadas pelo papel.

Ele começa a dobrá-las para guardar nos envelopes, mas não consegue. Jana tenta ajudá-lo, mas ele insiste que a carta de sua tia ele mesmo iria dobrá-la. As dobras mais amassavam o papel do que qualquer outra coisa. Ele tentava colocar dentro do envelope e não conseguia. Jana pede mais uma vez para que ela possa ajudá-lo, ele não deixa. Faz mais uma dobra para caber no envelope, pega o envelope na mão e começa a colocá-la sozinha ali dentro, de qualquer jeito, mas sozinho.

A carta para o juiz, segundo ele, era pedindo para que pudesse ir morar com essa tia para a qual ele havia escrito a outra carta.

A carta da tia ele não explicou, mas também não precisava. Guardou o papel, os rabiscos e parecia que guardava algum sentimento que eu não poderia dizer qual é, mas guardou sem a ajuda de ninguém. Para sentir ele não precisa de ajuda.

Entregou para Jana a carta do juiz, pegou a carta da tia e saiu da sala em direção ao pátio.

¹¹ Os nomes citados nessas história são fictícios.

Ficamos eu e Jana em silêncio olhando pra porta e com lágrimas nos olhos voltamos para nossos afazeres.

Há trabalho cotidiano

Também ali no pátio, onde fica o quarto das crianças, tem mais algumas salas. Uma delas é a sala dos educadores. Nas terças-feiras pela manhã ocorre a reunião de equipe, onde participam os técnicos, a gerencia, os volantes dos educadores (cada plantão tem um responsável) e por vezes os estagiários da psicologia e do serviço social. Essa reunião normalmente acontecia em outro espaço, mas por algum motivo pelo qual não me recordo, em uma das terças a reunião aconteceu ali na sala dos educadores, ao lado do pátio.

Nos últimos tempos havia sido acolhidas institucionalmente ali na casa algumas adolescentes e pré-adolescentes, o que vinha sendo pauta das reuniões de equipe. As adolescentes brigavam muito entre si no abrigo, discutiam muito com os educadores, passavam o dia agitadas (o que é compreensível, pois saiam apenas para ir a escola) e muitas vezes fugiam do abrigo e depois retornavam. Por esses e por outros motivos, toda a equipe tentava de várias maneiras trabalhar com elas individual ou coletivamente alguma maneira de manter o abrigo minimamente calmo.

Uma dessas adolescentes, Juliana¹², havia perdido sua mãe a menos de dois meses. Havia sido abrigada por isso e também porque a possibilidade de morar com a irmã ainda não estava bem construída, pois todas as vezes que ela iria para visitas nos finais de semana causava intrigas com a irmã ou com o cunhado e às vezes com outras pessoas da comunidade. Ali no abrigo não era diferente.

Juliana, por vezes bem humorada e muito agitada, estava sempre rindo no pátio ou criando intrigas com outras adolescentes, e segundo os educadores, durante as noites ela ficava mais irritada, demandando muita atenção dos cuidadores.

Durante a reunião de equipe que aconteceu ao lado do pátio, Juliana parecia estar a todo o vapor. Passava em frente a sala gritando e reclamando dos educadores,

¹² Os nomes citados nessas história são fictícios.

caçoando da reunião e fazendo piadas sobre “o que estava sendo discutido dentro da sala ser tão importante”. Claro, um dos assuntos era ela.

Quando chegou na pauta e que foi citado seu nome os educadores começaram a relatar como estava difícil lidar com Juliana, afinal, ela demandava cuidados quase que individuais a todos os momentos e agitava todo o resto da casa. Ao mesmo tempo, os educadores sabiam que sua variação de humor e que seus momentos de raiva eram relacionadas também ao curto tempo que havia perdido a mãe. A conversa foi se estendendo, e um dos educadores sugeriu que talvez ela pudesse ser medicada, que talvez algum medicamento pudesse ajudá-la nesse processo de luto que vinha sendo difícil tanto para ela quanto para todos em volta.

A equipe debateu por um tempo sobre isso, e foi então que a psicóloga do local decidiu se posicionar contra. Falou que esse processo de luto acontece com a maioria de nós, e que sim, seria difícil lidar com a maneira enérgica com que a menina estava vivenciando esse processo. Falou também que compreendia que não teria como os educadores dar toda atenção necessária a todo o momento para Juliana, mas que se esta fosse medicada por estar passando por um momento como esse o seu trabalho como psicóloga ali no abrigo não faria sentido. Situou todos que estavam na sala que por mais que algumas coisas que ela possa falar soem agressivas, não deixam de ser verdade, e que talvez nesse momento ela precisasse pronunciar essas verdades aos quatro ventos.

A psicóloga do local não atende individualmente as crianças (a pesar de conversar com elas), mas dá suporte aos educadores, tenta resolver os impasses entre as crianças e adolescente, enfim, tenta trabalhar com a equipe coletivamente as questões que surgem a todo o momento.

Juliana se manteve por mais algum tempo “causando” como dizemos ali no abrigo. Causou na reunião e pelos próximos dias, sem ser medicada. No entanto, um dia foi a uma consulta médica corriqueira no posto que atende aquela região, e onde também existe internação psiquiátrica. Juliana “causou” na frente do médico, e a consulta que era para durar pouco tempo durou muito mais. O educador que havia acompanhado ela ligou no meio da tarde e nos relatou que Juliana havia sido encaminhada para a emergência psiquiátrica e que ele teria que permanecer mais um tempo com ela até que ocorresse de fato sua internação.

CASA CONTRUÍDA – A CASA DA FAMÍLIA

“Minha mãe me deu ao mundo
De maneira singular
Me dizendo a sentença
Pra eu sempre pedir licença
Mas nunca deixar de entrar

Meu pai me mandou pra vida
Num momento de amor
E o bem daquele segundo
Grande como a dor do mundo
Me acompanha onde eu vou”¹³

Maria Bethânia/Caetano Veloso

Encontrar uma casa, um ambiente protetivo em um lugar onde não é nossa casa. Procuramos dividir o espaço tempo, procuramos casa mesmo onde estamos fora dela. Procuramos porque precisamos dividir simbolicamente o que sofremos, encontrar o sofrimento do outro e reconhecer os nossos; dividir o fracasso, saber que somos juntos esse fracasso. Não há como sustentá-lo sozinho, é um mundo grande demais para o corpo.

Ali, naquelas duas casas da infância, uma que representa a casa da brincadeira e da história, e a outra que representa muitas vezes uma nova casa de moradia, pode ser encontrado isso que chamamos de família. Não aquela família nuclear onde tem papai e mamãe e maninhos, mas família porque mesmo que na brincadeira e nas estorinhas, no cotidiano de um abrigo, é possível encontrar esse lugar protetivo que muitas vezes a família nuclear não consegue disponibilizar.

Talvez essa família seja feita mais de irmãos, onde se reconhece o outro como igual, sabendo que é diferente; reconhece-se o outro como diferente, mas como um dos seus.

Digo família evocando o relacionamento que se constrói múltiplo, que percebe que existe troca no entreolhares. Onde podemos perceber e reconhecer o outro e o sentimento do outro, como na compaixão. Não uma compaixão de piedade ou

¹³ Música: Tudo de Novo – Maria Bethânia e Caetano Veloso

sofrimento, mas uma compaixão de compartilhar sentimento, de reconhecer o sentimento do outro:

"Todas as línguas derivadas do latim formam a palavra 'compaixão' com prefixo *com* – e a raiz *passio*, que originalmente significa sofrimento. Em outras línguas, por exemplo em tcheco, em polonês, em alemão, em sueco, a palavra se traduz por um substantivo formado por um prefixo equivalente seguido da palavra "sentimento" (em tcheco: *soucít*; em polonês: *współczucie*; em alemão: *Mit-gefühl*; em sueco: *med-känsla*).

(...) Nas línguas que formam a palavra compaixão não com a raiz "passio = sofrimento" mas com o substantivo "sentimento", a palavra é empregada mais ou menos no mesmo sentido, mas dificilmente se pode dizer que designa um sentimento mau ou medíocre. A força secreta da sua etimologia banha a palavra com uma outra luz e dá-lhe um sentido mais amplo: ter compaixão (co-sentimento) é poder viver com alguém sua infelicidade, mas é também sentir com esse alguém qualquer outra emoção: alegria, angústia, felicidade, dor. Esta compaixão (no sentido de *soucít*, *współczucie*, *mitgefühl*, *medkänsla*) designa, portanto, a mais alta capacidade de imaginação afetiva - a arte da telepatia das emoções. Na hierarquia dos sentimentos, é o sentimento supremo." (KUNDERA, 1985, p 25, 26)

A grande lição com tudo isso é poder reconhecer família, poder construir outra forma de relação quando se fracassa, ou quando nos impõem esse fracasso. Se a família a qual muitas dessas crianças fazem parte não pode ser reconhecida como família, elas criam constantemente irmãos, irmãs, pais e mães. As vezes até é necessário desconstruir e não colocar ninguém como irmão, pai e mãe. As vezes também é necessário situar-se em família como alguém que compartilha passageiramente o estar no mundo. Não somente com o outro, mas com relação a si mesmo. (re)tornar à familiaridade consigo mesmo e com a própria história.

CADA QUAL – A CASA DO DESEJO

“Pedra sonhando pó na mina

Pedra sonhando com britadeira

Cada ser tem sonhos à sua maneira!”¹⁴

Ney Matogrosso/Pedro Luís e a Parede

¹⁴ Música: Noite Severina – Ney Matogrosso e Pedro Luís e a Parede

“Precisamos cada vez mais de um pensamento poético que, uma vez instaurado, produza efetivamente um fazer político no sentido pleno da palavra.” (SOUSA, 2006, p.12) E eu diria mais, precisamos mais do caos infantil, da destruição de algumas normas que criem buracos e abram possibilidades de criação do novo através do fracasso nosso de cada dia.

Para falar em desejo, em outro possível, é necessário deixar as repetições de lado, o burocrático do cotidiano. Olhar para o que há de mais singular nesse cotidiano, na fala e na brincadeira. Desacomodar o estado comum das coisas. Sonhar com outros e mais outros ventos, não deixar-se acostumar com o lugar onde a gente se encontra. É preciso reinscrever-se utopicamente. Assim:

“Podemos pensar a utopia como a introdução de um estrangeiro que nos permite lançar um olhar diferente para a paisagem que temos diante dos olhos. A utopia vem, portanto se opor a tendência à repetição. Ela vem romper com a paixão da analogia ao propor um não lugar. A forma utópica fundamentalmente, num primeiro momento coloca em cena, um não ao presente. A utopia introduz a categoria do possível e por isso faz fratura na história.” (SOUSA, 2002, p.3)

A prática psi em contato com a infância me ensina cotidianamente isso, o quanto a criança, talvez por não estar totalmente embrenhada pela realidade como ela é, permite-se desejar sem tantos pudores como nós adultos o fazemos. O ritmo e o tempo se apresenta de outra maneira, ainda mais quando o real vem violentamente mostrar o quão desajustados a essa sociedade alguns seres podem ser. Assim, é necessário perceber esse outro ritmo de uma infância fracassada pra ousar perceber o que se cria com tanto vigor depois da destruição do ideal.

Há sempre uma surpresa diária no entorno da criança. Uma brincadeira não é apenas uma brincadeira, é como uma fantasia diária de possibilidades do que se pode ser. O valor das coisas que ela pode agarrar muda a cada instante. Se nesse momento quer brincar com esse brinquedo, segundos depois pode nem reconhecê-lo como algo interessante. O fracasso ainda não é assustador, o que assusta é o não cumprimento do seu desejo no momento imediato. Mas se não tem seu desejo realizado, logo encontra outro e outro objeto de desejo. Assim, como ainda não compreendem as regras e leis, também não compreende a técnica e a burocratização cotidiana.

“A confiança exagerada na técnica, no saber fazer, deixou o amanhã de mãos cheias de regulamentos, de projetos de ações, de estatutos, de bulas, de manuais de instruções. Com as mãos ocupadas com tantas prescrições, não foi possível agarrar os vapores das novas idéias.” (SOUSA, 2006, p.13) deixemo-nos tocar pelo fracasso, para que assim surjam novas casas, do saber, da infância, da família e principalmente da criação e do desejo.

Se muitas vezes, as casas por onde passamos nos ensinam a burocratizar o olhar e as ações, que deixemos de lado o ideal do real e toquemo-nos pela utopia de outro possível. Esse real, que não apenas na infância e na família, mas também nos saberes, nos fere e nos paralisa, talvez deva ser olhando como fracasso necessário para outras possibilidades de existência no entre: entre olhares, entre seres e entre sensações e desejos.

Edson nos aponta uma direção, de como “deveríamos, neste ponto, pensar a Utopia não em direção à realidade mas a Utopia contra a realidade”(SOUSA, 2002, p.6); é aí que se encontra o valor do fracasso, onde podemos romper com a realidade cotidianamente repetitiva, onde a perda e o buraco e a cicatriz abrem pra novas possibilidades de criação. Não é necessário se pautar no possível, pelo contrário, a utopia “teria por função, em último instância, enunciar o enigma do desejo. As perspectivas utópicas nos colocam sempre diante da possibilidade de um outro lugar possível, num claro esforço de esburacar o tecido repetitivo com o qual nos cobrimos para enfrentar as interpéries da vida.” (SOUSA, 2002, p.6)

É por isso que falamos de fracasso, porque é através do fracasso, da perda do estável e diagnosticável amanhã que criamos novos caminhos. O fracasso rompe com as paredes das estruturas engessadas, cria desejos e utopias, logo, traz movimento.

Se não é possível sermos aquele ideal, ou vivermos o ideal do desejo que sempre foge entre dedos, é necessário olhar face a face para esperança, para utopia de outra possível existência. Num lugar onde a perda é criação, no lugar onde reinventamos cotidianamente nossos saberes e desejos, pois estes não cabem nas convenções. Repito: “cada ser tem sonhos a sua maneira”

Aí vem a pergunta, que vidas são possíveis na infância em vulnerabilidade social? Espero que a gente continue fracassando na tentativa de continuar a falar *sobre* isso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

BLOCK, Ernest. *O Princípio Esperança*. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005.

FONSECA, Claudia. *Quando cada caso não é um caso*. Trabalho apresentado na XXI Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, setembro de 1998.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar Escrever Esquacer*. São Paulo: Ed 34, 2006.

KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida (Pulsações)*. Editora Nova Fronteira, 1978, 3ª ED.

NASCIMENTO, Maria Lívia; LACAZ, Alessandra S.; ALVARENGA FILHO, José Rodrigues. *Entre Efeitos e Produções: ECA Abrigos e subjetividades*. Santa Cruz do Sul, Barbarói n.33, ago./dez.2010

SOUSA, Edson. *Furos no futuro: utopia e cultura*. in: Schuler, Fernando e Barcelos, Marília. *Fronteiras: arte e pensamento na época do multiculturalismo*, Sulina, Porto Alegre, 2006.

SOUSA, Edson. *Por uma cultura da utopia*. in: *Unicultura*, Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2002

TELES, Irene Platteck. *Violência e desigualdade social na Casa da Árvore*. In *A Casa da Árvore: uma experiência inovadora na atenção à infância*. MILMAN, Lulli; BEZERRA JR, Benilton (orgs). – Rio de Janeiro: Garamond, 2008.